

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Paraná Class.: R/x - Prod. Cultural

Data: 30/12/91

Pg.: 174

OPINIÃO

190

Os índios e o espetáculo

Não foi exemplar nem de bom sentido o espetáculo cultural realizado pela Televisão Bandeirantes com os índios do Xingu, que tiveram a "graça" de ver um balé apresentando sua sofisticação em plena reserva indígena. Não será o primeiro nem o último erro em nossa política indigenista; seja porque a FUNAI não tem condições para analisar o problema da cultura indígena frente à cultura nacional dominada pelos meios urbanos; seja porque a intelectualidade brasileira, em sua mediana, acredita estar em estado de graça e competência para aculturar todo o povo brasileiro, inclusive os índios.

Ainda que os promotores do espetáculo expliquem a ida do Balé Stagium ao Xingu como uma tentativa de avaliar as reações dos índios à sua nobre arte, restará o debate público sobre esse enorme equívoco cultural que, sofrendo as determinações da sociedade do espetáculo e de sua estética artístico-empresarial, pretende passar-se pela "sabedoria, pela magnífica arte, pela arte de todos, pelo cultivo do espírito".

Não se trata de uma atitude de pura e simples preservação das "condições naturais", da "cultura espontânea", como parâmetro para a compreen-

são das complexas relações artísticas e culturais. Tampouco o seu oposto, o cosmopolitismo mais chinfrim, da "universalização das formas e manifestações culturais e artísticas".

O que é preciso compreender, meditando e refletindo, é que as culturas são resultado de modos e estilos de vida criados pelo modo de produção. Ou, para simplificar, que a cultura material determina a produção cultural, mesmo em seus maneirismos e investigações.

Os erros e confusões culturais, numa perspectiva de seriedade científica, em favor da criação e da independência do processo criativo e dos modos de vida peculiares, podem ocorrer sem que se perceba, ou até mesmo recebendo aplausos.

No Paraná, temos o exemplo dos festivais "folclóricos", inventados por pessoas desavisadas da burocracia oficial. Quando os imigrantes se integram na produção e na vida social e cultural se inserem num movimento integrador. Se mantêm laços, tradições, costumes típicos é porque disso são capazes e necessitam manter sua identidade cultural. Mas quando, por sua própria iniciativa não cultuam, não convivem, não criam nem recriam

seus hábitos e costumes folclóricos, nenhum "inventor burocrático" deve ressuscitar, recriar, retomar movimentos de conservação que, a par de serem uma impostura, uma cópia débil do original, nada têm de substancial que os apresente como "característicos", "típicos" e outras sandices do gênero. E aqui estamos com essa manifestação típica, estipendiada pelos cofres públicos e realizadas por "mestres de cerimônia" que não têm a força e a originalidade da tradição.

Este o exemplo mais vivo do que poderíamos chamar de conturbação cultural, e que chega a ganhar aplausos e a defesa apaixonada daqueles que gostam de espetáculos reprocessados.

Não faltará quem queira, agora, também criar cursos de caça, arco e flecha, cultivo e manipulação de ervas, natação e quem sabe esgrima para que a FUNAI incorpore a seus eventos.

Perdendo suas características de conservação cultural, reconstituição da memória e reprodução cultural viva, como animação e tradução existencial o movimento folclórico e as artes diretas e primárias perdem seu sentido.